

NARRATIVAS DA PESTE NA HISTÓRIA DA GUERRA DO PELOPONESO DE TUCÍDIDES

Marinalva Vilar de Lima¹

Resumo: Tucídides, General e estadista ateniense, dedicou parte de seu tempo à narrativa da guerra que para ele fora o acontecimento digno de ser mimetizado para a posteridade: a história da guerra do Peloponeso. Conflito iniciado em 431 a.C., a partir de que as cidades de Atenas e Esparta levaram as demais cidades gregas a se organizarem nas ligas de Delos, de apoio à Atenas, e a do Peloponeso, dos aliados de Esparta. Em meio à narrativa dos antecedentes da guerra, no Livro II, Tucídides insere a temática da peste localizando-a no momento em que a Ática é invadida. Invasão narrada após destacar o discurso fúnebre feito por Péricles em homenagem às vítimas daquele primeiro ano da guerra. O flagelo da peste vai se fazer presente entre os atenienses, concomitantemente a entrada dos inimigos no território ático, agravando a situação de calamidade que vai assolar os atenienses e seus aliados. Apesar da peste já ter se dado em outros lugares, antes de acometer a população de Atenas, Tucídides considera que nesta cidade ela assumiu proporção tamanha que veio a colocar a prova todos os recursos médicos e as práticas costumeiras da população em face às doenças, demonstrando grande sensibilidade de percepção para um aspecto, aparentemente irrelevante. Com isso, mobiliza os sentidos do leitor para a eleição da cidade de Atenas enquanto opção a ser assumida na compreensão que quer mimetizar sobre o relato da guerra.

Palavras-chave: Grécia Antiga, Tucídides, História da guerra, História da doença.

Dados seguros sobre a vida de Tucídides são poucos e, embora seja ele um autor que procurou o mais possível esconder sua pessoa dos olhos do leitor, constam todos de sua obra (PRADO, 1999, p.IX).

Tudo que sabemos a respeito de Tucídides está contido nos poucos fragmentos de informação que ele mesmo revela e numa bizarra biografia creditada a Marcelino (FINLEY, 1991, p.53).

Da leitura de sua obra resulta que podemos inferir ser ele cidadão ateniense e ter escrito sua obra no transcorrer do acontecimento que vai se preocupar em narrar: A guerra do Peloponeso. Momento em que estaria com cerca de 30 anos. Esse fato decidirá os rumos da história dos helenos e é considerado por Tucídides o acontecimento merecedor, por excelência, de sua atenção. Acerca desta e de seu historiador nos coloca Finley:

[...] A Guerra do Peloponeso, travada entre Atenas e Esparta de 431 a 404 a.C. (com uma trégua intermediária de sete anos). Ela sobrevive não por causa da fama de seus participantes (com a discreta exceção de Alcibiades), mas graças ao homem que

¹ Professora da UAHIS/UFCG. Desenvolve pesquisas na área de História Antiga e Medieval e de Cultura popular. Membro dos Programas de Pós-graduação em História e em Ciências Sociais da UFCG. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais, Plataforma Lattes/CNPq. Membro do Laboratório de Estudos do Império Romano, Mediterrâneo Antigo LEIR-MA/USP.

escreveu a sua história: Tucídides, o ateniense. Nenhum outro historiador pode igualar o seu feito; nenhuma outra guerra, ou, diga-se de passagem, nenhum outro tema histórico, deve tanto do que é à pessoa que o registrou. (FINLEY, 1991, p. 53).

Teria nascido por volta de 460-455, haja vista que em 424 foi eleito para o colégio dos Estrategos, cargo que pela tradição só era possível ser atingido após os 30 anos de idade. “General e estadista ateniense, Tucídides era homem de seu meio e apoiava as aspirações de sua cidade²”. De sua família nos lega o nome do pai: Oloro. No entanto, “Desde a antiguidade, porém, afirmou-se que pertencia à família de Milcíades, o que explica ao mesmo tempo que possuísse propriedades na Trácia e que, junto aos túmulos da família de Cimão, existisse um monumento funerário em sua memória” (PRADO, 1999, p.X).

Em 424 foi exilado, em virtude de seu fracasso em uma missão sob seu comando no Nordeste (FINLEY, 1991, p.55). O próprio Tucídides afirma ter ficado no exílio por 20 anos, não informando em que lugar permaneceu. Seus biógrafos modernos uniformizam a informação de ter este ficado recluso à sua propriedade na Trácia, haja vista ter tido tempo e oportunidade para se informar sobre as ações e diretrizes tomadas pelos dois lados da guerra.

Seu retorno à Atenas se deu após 404, ano em que Esparta tem a preponderância na guerra.

Sua morte e as circunstâncias em que esta se deu como muitos outros fatos de sua vida são uma incógnita. Sua obra é publicada postumamente, sendo seu articulador desconhecido.

Tempo, método, fontes

A perspectiva da temporalidade na historiografia fabricada por Tucídides segue um curso em que o acontecimento é narrado a partir de um movimento lógico, buscando as causas que o deram consequência. “Meyerson observa que em Tucídides o tempo é lógico e não cronológico” (DUJOVNE, 1958). Os sentidos cronológicos da temporalidade que vão ser estabelecidos com o cristianismo não servem para se pensar a narrativa de Tucídides, haja vista entender que o conhecimento dos acontecimentos ocorridos deva servir ao homem utilmente para que esse possa perceber os traços que o marcam e que podem ser observados em outro acontecimento que se assemelhe aquele de que tomou conhecimento. Dujovne verifica nesse aspecto tucidideano da temporalidade uma confusão de método que o levou à busca das causas que promoveram o acontecimento (DUJOVNE, 1958). E, sobre essa questão coloca:

² Leon Dujovne. **El pensamiento histórico en la Antigüedad Greorromana**. In: La Filosofía de la Historia en la Antigüedad y en la Edad Media. Buenos Aires-Argentina: Galatea-Nueva Visión, 1958.

Se atribuía pouca importância ao passado da Grécia anterior a seus dias, pensava, as vezes, como assinala J.T. Shotwell,³ “*que o futuro seria como o presente, e não tinha a menor idéia de crescimento ou desenvolvimento, da importância do tempo*”. Quer dizer, Tucídides não tinha idéia da “*criação progressiva das sociedades que evoluem*”. Carente de aptidão para o manejo das “*perspectivas temporais*”, acreditava que a guerra era “*o único assunto adequado da História*”. [...] o historiador grego nos aparece com traços que na antigüidade não cabia encontrar fora da Grécia. Enquanto, na Bíblia, Deus é a causa última da história, o grego Tucídides não parte do pressuposto de que a vontade divina é o agente decisivo da história, e sim que, na presença dos fatos procura descobrir os fatores que os determinam (DUJOVNE, 1958).

Compreensão que ao retroagir para o estudo do mundo antigo o faz a partir da aplicação de um método temporal que se prende ao modelo cristão. Porém, talvez seja mais produtivo se pensarmos com o próprio Tucídides que considerava que o estudo do presente fosse útil porque, ao ajudar a compreender o passado através da rejeição do mito, ajudaria a entender o futuro que não seria, por natureza, diferente do presente. Vejamos então como Tucídides marca o tempo a partir do narrar dos acontecimentos que seleciona para construir o cenário da guerra do Peloponeso, bem como, dos combates propriamente ditos da guerra. É a partir do livro II que marca o principiar da guerra, conforme diz: “*começa aqui, agora, a guerra propriamente dita entre os atenienses e os peloponésios e seus respectivos aliados*” (TUCIDIDES, Livro II, capítulo 1), deixando claro que “*os eventos da guerra são relatados na ordem de sua ocorrência e sua duração contada por verões e invernos*” (TUCIDIDES, Livro II, capítulo 1). Forma de temporalidade que respeita o costume ateniense, pois, como colocado por Mario da Gama Kury essa era “*a cronologia habitual na época de Tucídides*”, pois que “*o verão incluía a primavera e o inverno o outono, sendo o ‘verão’ igual a cerca de oito meses e o ‘inverno’ a cerca de quatro*” (KURY in TUCIDIDES, nota 144, p.443).

Com o intuito de melhor precisar para seus coetâneos a época em que a guerra havia sido deflagrada, Tucídides informa:

[...] no décimo quinto, porém, quando Crisis completava o seu quadragésimo oitavo ano como sacerdotisa em Argos, Enésias era éforo em Esparta e Pitódoros ainda tinha quatro meses de seu período como arconte em Atenas, no décimo sexto mês após a batalha de Potideia, no início da primavera [...] (TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 2).

Tucídides faz menção a eventos das três cidades helênicas mais importantes, à época: Argos, Esparta e Atenas, o que leva os helenistas a localizarem o início da guerra no ano de 431 a.C., conforme corrobora o tradutor em comentário de nota (KURY in TUCIDIDES, nota 146, p.444).

³ James T. Shotwell, **Historia de la Historia en el Mundo Antiguo**, Fondo de Cultura Económica, México, 1940, p. 221, apud Leon Dujovne, op.cit.

Há em Tucídides uma presença forte de marcação da temporalidade através da referência a acontecimentos de que se supõe ter conhecimento aqueles que viveram o período da guerra associados à estação climática e as práticas campestres, vejamos uma situação narrativa em que está discorrendo sobre a marcha pelo Peloponésia em direção à Ática: “Oitenta dias após a entrada dos tebanos em Platéia e no momento em que os grãos estavam prontos para a colheita” (TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 19); após narrar os arranjos atenienses para a contraofensiva: “Estes foram os acontecimentos ocorridos durante o verão”(TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 32); na continuidade narrativa dos preparativos para a guerra: “No inverno seguinte [...]”(TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 33).

Dujovne considera que o Tucídides historiador veio a ser possível em virtude do contexto em que o mesmo viveu. Vivenciou a guerra entre atenienses e espartanos que entendeu enquanto resultante de um conflito anterior que polarizou os povos da Grécia e Pérsia, ou, como optou por pensar Heródoto: o conflito entre gregos e bárbaros, de que nos legou o registro (HERODOTO, *Histórias*).

O aparecimento de Tucídides como historiador é, para alguns, consequência direta do conflito da Grécia com a Pérsia. Este conflito do qual resultaram efeitos de ordem moral e intelectual, suscitou entre os gregos a idéia da consciência cívica e da solidariedade política e, “conseqüentemente, uma nova concepção do direito” (DUJOVNE, 1958).

Sobre a forma e as fontes que dão suporte a narrativa de Tucídides é também sua própria escrita preta de informações que nos permitem perceber os eixos que lhe norteiam; as críticas que elabora aos escritores precedentes na produção do gênero história; os caminhos que privilegia na estruturação dos *logoi* que veicula; a forma como seleciona uma fonte em detrimento de outra; dentre outros aspectos. Fórmula narrativa que não se preocupa apenas com o narrar do acontecimento recortado, mas com a postura do leitor diante de seu texto.

Acerca de como os homens procederam nas decisões em assembleias, Tucídides distingue os discursos das ações; aponta as dificuldades que ele e seus informantes tiveram na reprodução do que ouviram, decidindo-se por se manter mais fiel ao sentido geral do que fora pronunciado. Não reconhece o acontecimento que lhe chega através de informações casuais, atendo-se ao que presenciara e pondo o fato em teste para que esse venha a fazer parte de sua história. Ele mesmo destaca seu empenho por obter exatidão em suas referências, fundava suas narrativas no que havia visto ou no que extraía das informações prestadas por outras testemunhas, depois de submetê-lo a rigoroso exame. Então vejamos:

Quanto aos discursos cada uma das partes pronunciou, quer nas vésperas da guerra, quer no seu decorrer, reproduzir-lhes as palavras exatamente era difícil, para mim quando os ouvira pessoalmente, para os outros quando me transmitiam o que tinham ouvido de qualquer outra fonte; como me parecia que cada orador teria falado o que cabia sobre as situações sucessivas, atendo-me o mais próximo possível do sentido geral das palavras realmente pronunciadas, assim vão formulados. E, quanto às ações que foram praticadas na guerra, decidi registrar não as que conhecia por uma informação casual, nem segundo conjectura minha, mas somente aquelas que eu próprio presenciara e depois de ter pesquisado a fundo sobre cada uma junto de outros, com a maior exatidão possível (TUCIDIDES, Livro I, Capítulo XXII).

Sua maior preocupação se dá para com a posteridade, procurando estabelecer uma narrativa que tivesse utilidade e que fosse condizente com o que realmente havia ocorrido. Assim, opta por não privilegiar o “calor do auditório” que o ouviria, mas a permanência dos acontecimentos narrados para que o homem pudesse vir a fazer uso deles em suas compreensões sobre o passado como das expectativas que criaria para o vindouro.

Muito penoso era o trabalho da pesquisa, porque as testemunhas de cada uma dessas ações não diziam o mesmo sobre os mesmos fatos, mas falavam segundo a simpatia por uma ou outra parte ou segundo as lembranças que guardavam. E para o auditório o caráter não fabuloso dos fatos narrados parecerá talvez menos atraente; mas se todos quantos querem examinar o que há de claro nos acontecimentos passados e nos que um dia, dado o seu caráter humano, virão a ser semelhantes ou análogos, vierem sua utilidade, será o bastante. Constituem mais uma aquisição para sempre que uma peça para um auditório do momento (TUCIDIDES, Livro I, Capítulo XXIII).

A guerra na Ática é ladeada pela Peste

Tucídides dedica o Livro II ao relato dos acontecimentos que fizeram irromper a guerra entre peloponésios e atenienses, sendo estes ladeados por aliados que lhes dão sustentação militar e financeira para a empresa. Em meio à narrativa de episódios propriamente relacionados ao combate ele dedica atenção à descrição de um conjunto de costumes praticados pelos atenienses. Após sua narrativa do discurso fúnebre feito por Péricles em homenagem às vítimas daquele primeiro ano da guerra informa ao leitor sobre a invasão da Ática, “Nos primeiros dias do verão os peloponésios e seus aliados, com dois terços de suas forças como antes, invadiram a Ática sob o comando de Arquídamos filho de Zeuxídamos, rei dos lacedemônios, e ocupando posições convenientes passaram a devastar a região” (TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 47).

Momento em que o flagelo da peste vai se fazer presente entre os atenienses: “Poucos dias depois após a entrada deles na Ática manifestou-se a peste pela primeira vez entre os atenienses” (TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 47).

Discorre sobre a peste (capítulo 47) que vai se fazer presente em um “terreno” narrativo que a esta precede a guerra já desfechada, haja vista ter dedicado os capítulos anteriores à narrativa da mesma. Apesar da peste já ter se dado em outros lugares, antes de acometer a população de Atenas, Tucídides considera que nesta cidade ela assumiu proporção tamanha que veio a colocar a prova todos os recursos médicos e as práticas costumeiras da população em face às doenças. Eis como traz a informação ao leitor:

Dizem que ela apareceu anteriormente em vários lugares (em Lemnos e outras cidades), mas em parte alguma se tinha lembrança de nada comparável como calamidade ou em termos de destruição de vidas. Nem os médicos eram capazes de enfrentar a doença, já que de início tinham de tratá-la sem lhe conhecer a natureza e que a mortalidade entre eles era maior, por estarem mais expostos a ela, nem qualquer outro recurso humano era da menor valia (TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 47).

Nem mesmo o apelo às divindades e aos ritos costumeiros vai surtir efeito: “As preces feitas nos santuários, ou os apelos aos oráculos e atitudes semelhantes foram todas inúteis, e afinal a população desistiu delas, vencida pelo flagelo”(TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 47). Segundo Tucídides: “Dizem que a doença começou na Etiópia, além do Egito, e depois desceu para o Egito e para a Líbia, alastrando-se pelos outros territórios do rei” (TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 48), tendo esta caído sobre Atenas e atacado de início os habitantes do Pireu. Fato que teria levado a população local a creditar a calamidade ao envenenamento de suas cisternas pelos peloponésios. Na continuação da narrativa Tucídides demonstra o quão calamitoso vai ser o cenário construído pela peste que vai se alastrar por toda a cidade e provocar imensa mortandade. A situação de flagelo e anomalia experimentada pela população leva a que médicos e leigos se ocupem de querer entender as causas e buscar as origens para assim produzir algum antídoto que viesse a por fim a peste. Tucídides opta por descrevê-la detalhadamente sob crença de que “alguém mais habilitado por seu conhecimento prévio não deixe de reconhecê-la se algum dia ela voltar a manifestar-se” (TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 48)., na medida em que o próprio diz ter contraído a enfermidade.

Sobre a postura de Tucídides neste pormenor comentam Finley e Prado, respectivamente:

A descrição de Tucídides da grande peste que se abateu sobre Atenas em 430 é tão precisa do ponto de vista clínico e tão técnica na sua linguagem que só os livros hipocráticos acerca de epidemias a ela se comparam (FINLEY, 1991, p.58).

Foi atingido pela peste que grassou em Atenas no segundo ano da guerra e sua experiência pessoal contribuiu para o estudo dos sintomas, do desenvolvimento da moléstia e de suas conseqüências (PRADO, p.IX).

No tocante a outras doenças Tucídides diz que aquele ano “havia sido excepcionalmente saudável”, apenas se já alguém já estava acometido de qualquer outro mal este se transmutava na peste. E como se sabia que a mesma havia se apossado de alguém? Eis a descrição que nos faz Tucídides:

[...] sem causa aparente mas de súbito e enquanto gozavam de boa saúde, as pessoas eram atacadas primeiro por intenso calor na cabeça e vermelhidão e inflamação nos olhos, e as partes internas da boca (tanto a garganta quanto a língua) ficavam imediatamente da cor de sangue e passavam a exalar um hálito anormal e fétido. No estágio seguinte apareciam espirros e rouquidão, e pouco tempo depois o mal descia para o peito, seguindo-se tosse forte. Quando o mal se fixava no estômago, este ficava perturbado e ocorriam vômitos de bile de todos os tipos mencionados pelos médicos, seguidos também de terrível mal-estar; em muitos casos sobrevinham ânsias de vômito produzindo convulsões violentas, que às vezes cessavam rapidamente, às vezes muito tempo depois. Externamente o corpo não parecia muito quente ao toque; não ficava pálido, mas de um vermelho forte e lívido, e cheio de pequenas bolhas e úlceras; internamente, todavia, a temperatura era tão alta que os doentes não podiam suportar sobre o corpo sequer as roupas mais leves ou lençóis de linho, mas queriam ficar inteiramente descobertos e ansiavam por mergulhar em água fria – na realidade muitos deles que estavam entregues a si mesmos se jogavam nas cisternas – de tão atormentados que estavam pela sede insaciável; e era igualmente inútil beber muita ou pouca água. Os doentes eram vítimas também de uma inquietação e insônia invencíveis. O corpo não definhava enquanto a doença não atingia o auge, e sendo assim, quando os doentes morriam, como aconteceu a tantos entre o sétimo e o nono dia de febre interna, ainda lhes restava algum vigor; ou, se sobreviviam à crise, a doença descia para os intestinos, produzindo ali uma violenta ulceração, ao mesmo tempo que começava uma diarreia aguda, que nesse estágio final levava a maioria dos doentes à morte por astenia. A doença, portanto, começando pela cabeça, onde primeiro se manifestava, descia até alastrar-se por todo o corpo; se alguém sobrevivia a esta fase, ela chegava às extremidades e deixava suas marcas nelas, pois atacava os órgãos sexuais, dedos e artelhos, e muitos escapavam perdendo-os, enquanto outros perdiam também os olhos. Em alguns casos o paciente era vítima de amnésia total imediatamente após o restabelecimento; não sabia quem era e não reconhecia sequer seus próximos (TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 49).

Outra coisa chama a atenção de Tucídides na doença que descreve, é o fato de nem mesmo as aves ou quadrúpedes que se alimentavam de cadáver humano poderem dispor dos mortos pela peste, pois se assim o fizessem morriam. Para ele isto tornou a doença diferente de todos os males comuns de que tinha conhecimento. As aves deste tipo vão rrear e os cães, ao se absterem do alimento sobreviveram. Ocorreu ainda que enquanto a peste durou todas as demais doenças que apareciam evoluíam para ela. Mesmo que observe ter havido casos de negligência, considera que de modo geral ainda que se tomasse todos os cuidados a peste sobrevinha. Os remédios que eram usados por uns faziam efeito contrário em outros, não havendo possibilidade de se ao diagnosticar a doença padronizar um procedimento médico que viesse a por termo ao mal. Não houve distinção entre aqueles que dispunham de todos os cuidados médicos e os que não possuíam recursos para

providenciá-los. Em face da situação generalizada da enfermidade o aspecto que Tucídides considera ter sido o mais terrível foi “a apatia das pessoas atingidas por ela, pois seu espírito se rendia imediatamente ao desespero e elas se consideravam perdidas, incapazes de reagir”(TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 51).

Em meio ao mal disseminado Tucídides coloca que a população vai ter um duplo comportamento em relação aos doentes: o abandono a própria sorte e o cuidado sem precaução. Como a doença era contagiosa disseminou-se o temor, independentemente de o doente ser um familiar, havendo um distanciamento das pessoas em relação ao doente. Os sobreviventes eram que se lançavam no cuidado dos enfermos, confiantes na imunidade por perceberem que o mal não atacava a mesma pessoa por duas vezes; acreditavam ainda que estivessem imunes mesmo de virem a ser acometidos por qualquer outra doença.

Os atenienses ainda tiveram que enfrentar outro problema que adveio da vinda massiva da população do campo para a cidade em virtude da guerra. Estes se tornaram vítimas fáceis do mal: “Com efeito, não havendo casas disponíveis para todos e tendo eles, portanto, de viver em tendas que o verão tornava sufocantes, a peste os dizimava indiscriminadamente”(TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 52). O cenário da peste é assim descrito por Tucídides:

Os corpos dos moribundos se amontoavam e pessoas semimortas rolavam nas ruas e perto de todas as fontes em sua ânsia por água. Os templos nos quais se haviam alojado estavam repletos dos cadáveres daqueles que morriam dentro deles, pois a desgraça que os atingia era tão avassaladora que as pessoas, não sabendo o que as esperava tornavam-se indiferentes a todas as leis, quer sagradas, quer profanas (TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 52).

Assim, as práticas antigas não serviam para regular os comportamentos na condição anômala que se vivia, estando a população atingida pelo duplo flagelo: a peste e a guerra. Os mortos não recebiam o trato que a tradição reivindicava como nos informa Tucídides:

Os costumes até então observados em relação aos funerais passaram a ser ignorados na confusão reinante, e cada um enterrava os seus mortos como podia. Muitos recorreram a modos escabrosos de sepultamento, porque já haviam morrido tantos membros de suas famílias que já não dispunham de material funerário adequado. Valendo-se das piras dos outros, algumas pessoas, antecipando-se às que as haviam preparado, jogavam nelas seus próprios mortos e lhes ateavam fogo; outros lançavam os cadáveres que carregavam em alguma já acesa e iam embora (TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 52).

Nas atitudes levadas a efeito em face ao flagelo, Tucídides vê a introdução de uma completa anarquia, pois parecia que a “roda da fortuna” girava em ritmo acelerado e a população perdia de vista os princípios que lhes nortearam nos tempos de normalidade. Assim, “Ousava-se com a maior naturalidade e abertamente aquilo que antes só se fazia ocultamente, vendo-se quão rapidamente

mudava a sorte, tanto a dos homens ricos subitamente mortos quanto a daqueles que antes nada tinham e num momento se tornavam donos dos bens alheios” (TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 53).

No contexto, Tucídides diz que o entendimento que se generalizou foi de que o prazer seria o bem maior a ser aquilatado, pois de nada adiantava lutar pelas coisas honrosas se a qualquer momento seriam atingidos pelo flagelo não podendo gozar dos louros de suas conquistas. O temor dos deuses e as leis dos homens não surtiam o menor efeito no regimento de uma vida que agora se fazia efêmera. Em suas cabeças ecoava o verso oracular que a tradição havia conservado: “Virá um dia a guerra dória, e com ela a peste”(TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 54), e que vai ser motivo de discussão entre o povo dividindo-o entre uma compreensão de que o oráculo queria dizer fome e não peste, sendo esta última a que irá prevalecer em face aos acontecimentos. Acerca disso nos coloca Tucídides: “Isto era muito natural, pois as lembranças dos homens se adaptam às suas vicissitudes. Se houver outra guerra dória depois desta e com ela vier a fome, imagino que entenderão o verso à luz das novas circunstâncias” (TUCIDIDES, Livro II, Capítulo 54).

Em associação ao oráculo soma-se outro que havia sido transmitido aos lacedemônios que fazia a população ateniense ler os sinais dados pela divindade com o envio da peste: “se guerreassem com todo o seu poder, a vitória seria dele”, acrescentando que ele mesmo os ajudaria. Portanto, em tendo a peste entrado na Ática após a invasão dos peloponésios e não estando aqueles sob mesmo flagelo, parecia que Atenas seria dizimada, de fato, pela junção de dois males maiores: a guerra e a peste, sendo esta última já responsável por desarticular todo o trabalho feito no período de preparação da guerra.

Comovidos ficamos com o cenário ateniense a que Tucídides nos conduz como seus leitores. Atenas, *polis* por excelência da ilusão moderna sobre a Grécia antiga, nos é apresentada encenando os últimos atos de sua maior criação poética: a tragédia. Cumpre assim o destino inexorável a ela reservado e, a partir dessa condição mesma, mantém-se como conquistadora de aliados para sua causa dentre aqueles que acessam os *logoi* da guerra a que Tucídides escuta e rememora. Acerca da forma como Tucídides opta por explicar os acontecimentos, nos coloca Dujovne:

A nosso ver recordamos que o historiador, para quem “a justiça é melhor que a eficiência” e “a injustiça política é pior que a violência”, explicava os acontecimentos em função de fatores de três ordens: os motivos e a conduta dos partidos políticos; “motivos pessoais”, e a fortuna. Com o reconhecimento da intervenção desta última, aceitava que os fatores humanos eram insuficientes para explicar os fatos históricos (DUJOVNE, 1958).

Insera os caprichos da fortuna na explicação da guerra, desejando que esses sirvam mais como consolo a sua própria insatisfação com o desfecho dos acontecimentos do que como explicação racional com que pretenda convencer seus leitores. Portanto, apenas após ter tratado de todos os

fatores humanos – a política, as disputas individuais, os interesses estrangeiros, a ambição, etc – é que vai recorrer à fortuna, haja vista perceber que os acontecimentos continuavam carentes de explicação. Ao atingir um ponto em que a incerteza é que vai tonificar o acontecimento apela para a ação da fatalidade, como ocorre no momento em que se dedica ao relato da peste. Tem a pretensão de se colocar enquanto afastado da noção de divino com que articula os acontecimentos Heródoto de Halicarnaso, seu antecessor na seara historiadora, mas enredado na arenga que elabora com a tradição narrativa a que teve acesso, finda por considerar a fatalidade, o destino, ainda que como motivações psicológicas.

BIBLIOGRAFIA

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**, trad.: Mauro W. Barbosa de Almeida, São Paulo: Perspectiva, 1992 (Coleção Debates).
- DUJOVNE, León. **El pensamiento histórico en la Antigüedad Grecorromana**. In: La Filosofía de la Historia en la Antigüedad y en la Edad Media. Buenos Aires-Argentina: Galatea-Nueva Visión, 1958.
- FINLEY, Moses I. “Tucídides, o moralista”, in: FINLEY, Moses I. **Aspectos da antiguidade**, São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FINLEY, Moses. I. **Os gregos antigos**, trad.: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.
- FINLEY, Moses. I. **Uso e abuso da História**, trad.: Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- HARTOG, François (org.). **A história de Homero a Santo Agostinho**, trad.: Jacyntho Lins Brandão, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro, trad.: Jacyntho Lins Brandão, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- HARTOG, François. **Os antigos, o passado e o presente**, trad.: Sonia Lacerda *et al.* Brasília: Ed. UnB, 2003.
- HUNT, Lynn. **A nova História cultural**, trad.: Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego, trad.: Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro e Passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos, trad.: Wilma Patrícia Mas e Carlos Almeida Pereira, Rio de Janeiro: Contraponto; EDPUC, 2006.
- MOSSÈ, Claude. **As instituições gregas**, trad.: António Imanuel Dias Diogo. Lisboa: Edições 70, 1985.
- PRADO, Anna Lia Amaral de Almeida. “Apresentação” in: TUCIDIDES. **História da Guerra do Peloponeso (LIVRO I)**, trad.: Anna Lia Amaral de Almeida Prado, São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SAHLINS, Marshall. **História e cultura: apologias a Tucídides**, trad.: Maria Lúcia de Oliveira, Rio de Janeiro: Zahar editor, 2006.

SHOTWELL, James T. **Historia de la Historia en el Mundo Antigo**, Fondo de Cultura Económica, México, 1940, apud DUJOVNE, Leon.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**, trad.: Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

FONTES

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A poética clássica**, trad.: Jaime Bruna. São Paulo: Ed. Cultrix, 1997.

HERÓDOTO. **Histórias**, trad.: Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1985.

HERÓDOTO. **Histórias**, trad.: José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva, Lisboa: Edições 70, 2002, Livro I.

HERODOTO. **Los nueve libros de la historia**, trad.: P. Bartolomé Pou. Madrid-ES: EDAF, 2004.

LUCIAN. **Loeb classical library** (vol.VI), trad.: K.Kilburn, Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1999.

TUCIDIDES. **História da Guerra do Peloponeso (LIVRO I)**, trad.: Anna Lia Amaral de Almeida Prado, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**, 3ª Ed., tradução Mario da Gama Kury, Brasília: Editora da Unb, 1987. (Livro II).

TUCÍDIDES. **Historia de la guerra del Peloponeso**, trad.: Juan José Torres Esbarranch. Madrid-ES: Gredos, 2000 (livros III-VI).